

SOBRE QUANDO SE MORRE E OUTRAS COISAS

*Francisco Neto Pereira Pinto*¹

Quando se morre vira santo

Históricas aos prantos

Indiferença e burburinhos tantos

Morreu o Pedro e para o velório se reuniram a desocupada vizinhança especialmente no cair da noite Não era tanto uma questão de consideração para com o morto ou solidariedade à família mas uma quebra na rotina evitação do tédio e evidentemente um bônus *de likes* nas redes sociais Alguém segurava a mão da mãe enlutada que já sofreu *a lot* pelas danações do filho e agora revisava uma a uma as falhas possíveis e imaginadas Difícil era saber qual a maior dor na escala métrica dos sofrimentos se a dor pela perda ou as patadas da culpa que lhe vinha ferrear com a fúria de dezenas de escorpiões vermelhos Não tinha ânimos para os gritos e já tão esmorecidas de lágrimas Dona Sebastiana sangrava quietinha e calada Ana não tinha tempo de sofrer pelo irmão pois estava muito ocupada prestando informações sobre como morreu tão de repente o Pedro pois era rapaz saudável e até outro dia não mostrava sinal algum de sofrer doença do coração Pois é foi de repente jogando bola não havia mais nada que pudesse fazer a equipe do Samu dizia a um vizinho parente ou amigo Depois fazia cafés e providenciava uns biscoitos Suava tinha palpitações e de tempos e tempos tinha crises de choro Seu Romão o pai dizia palavras poucas e esparsas e ocupava-se com questões legais e relacionadas ao velório e ao enterro Sentia um aperto no peito mas acreditava ser aquilo tudo um sonho ruim e quando amanhecesse tudo estava na mesma Às 21h chegou aquela vizinha da rua de cima uma magra alta de cabelos cumpridos olhos verdes lânguidos e de braços finos e longos Jogou-se ao prantos no abraço não sabia de quem mas repetia esbaforida que o conhecia desde sempre um menino bom respeitoso obediente Com uma vida toda pela frente *Oh God* Não não podia ser Às 22h veio ainda pálida da surpresa uma amiga de escola com quem fez uma série não sabia

¹ Doutorando e Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína, e professor adjunto no Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, *campus* de Araguaína. Faz formação em Psicanálise pelo IPLA, Instituto da Psicanálise Lacaniana.

dizer ao certo qual ainda no ensino médio Estarrecida em choque lançou-se sobre o caixão e se não a tivessem segurado teria beijado na boca do morto Suspeitava seriamente que por ela teria tido uma queda e agora como ela poderia conviver com tamanha culpa Não não o deixaria partir sem antes beijá-lo e dizer-lhe que muito inexperiente ainda bobinha era muito tímida não sabia como reagir mas que secretamente só para si o achava muito bonito O tempo ah se pudesse voltar no tempo Acode segura gritou uma voz do outro lado do caixão que a moça está passando mal Não na verdade desmaiou é preciso levá-la ao hospital

Pedro foi enterrado no cemitério municipal às 9h do outro dia e as últimas palavras que se ouviu foi de sua mãe dizer Pedro perdoa seus irmãos João e Maria que não apareceram

A morte é um mistério
que a ninguém mais encanta
mas que da vida a existência decanta